

Famílias frente a crianças com diagnóstico de autismo: um olhar para a atuação de profissionais da psicologia

Psychology and families among autism diagnosis: a literature review

DOI:10.34117/bjdv7n7-232

Recebimento dos originais: 09/06/2021

Aceitação para publicação: 09/07/2021

Ana Carolina Galhardo da Silva

Graduanda em Psicologia pela Faculdade de São Lourenço – campus São Lourenço
(Grupo UNISEPE)

Endereço: Faculdade de São Lourenço, Curso de Psicologia. R. Madame Schimidt, 90 -
Federal, São Lourenço – MG/ Brasil, 37470-000.

E-mail: anacarolinagalhardo98@gmail.com

Carlos de Sousa Filho

Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)
– campus Belo Horizonte.

Endereço: Faculdade de São Lourenço, Curso de Psicologia. R. Madame Schimidt, 90 -
Federal, São Lourenço – MG/ Brasil, 37470-000.

E-mail: csfilhopsi@gmail.com

Cristiano de Jesus Andrade

Doutorando e mestre em Psicologia da Saúde pela Universidade Metodista de São Paulo.
Psicologia da Faculdade Pitágoras de Poços de Caldas/MG.

Endereço: Faculdade Pitágoras de Poços de Caldas, Av. João Pinheiro, 757, CEP: 37701-
386, Centro Poços de Caldas/MG Brasil.

E-mail: cristianoandradepsico@gmail.com

Bruno Chapadeiro Ribeiro

Pós-Doutorando em Saúde Coletiva pela Escola Paulista de Medicina da Universidade
Federal de São Paulo (UNIFESP), Perito Judicial em Saúde Mental e Trabalho cadastrado
nos Tribunais Regionais do Trabalho (TRT's)

Endereço: Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade da Saúde, Curso de
Psicologia. Avenida Dom Jaime de Barros Câmara, 1000 Planalto 09895-400 - São
Bernardo do Campo, SP Brasil.

E-mail: Brunoribeiro.3@metodista.br

RESUMO

Este estudo objetivou conhecer a atuação de psicólogos(as), no que tange as relações familiares diante do diagnóstico de autismo. Para tanto, realizou-se uma revisão bibliográfica em bases de dados científicos, que resultou na seleção de 14 artigos que envolveram as experiências familiares em relação ao autismo e a atuação de psicólogos(as) na atenção a famílias. Como resultados observamos sentimentos gerados pelo diagnóstico e que geralmente são as mães as principais cuidadoras. Identificamos estratégias de enfrentamento, como crenças, o suporte social, programas para formação e educação para pais e serviços de saúde. Ainda elencamos a atuação psicológica, como sendo, prevalentemente psicanalítica. Assim, consideramos, que o psicólogo é um dos profissionais que precisam compor a atenção aos familiares no momento e após o diagnóstico, bem como, se vislumbraram possibilidades para também atender às demandas de saúde mental dos familiares e não apenas a pessoa com autismo.

Palavras-chave: Distúrbio Global do Desenvolvimento, Terapia familiar, Relações familiares

ABSTRACT

This study aimed to know the role of psychologists, with regard to family relationships when diagnosed with autism. To this end, a bibliographic review was carried out on scientific databases, which resulted in the selection of 14 articles that involved family experiences in relation to autism and the role of psychologists in caring for families. As a result, we observed feelings generated by the diagnosis and that mothers are usually the main caregivers. We identified coping strategies, such as beliefs, social support, training and education programs for parents and health services. We still list psychological performance, as being, predominantly psychoanalytic. Thus, we consider that the psychologist is one of the professionals who need to compose care for family members at the time and after the diagnosis, as well as possibilities for meeting the mental health demands of family members and not just the person with autism.

Keywords: Pervasive Developmental Disorders, Family Therapy, Family Relations

1 INTRODUÇÃO

De modo geral, ao planejar uma gestação, o casal passa a idealizar um bebê. Isto é, os progenitores, através de um ato projetivo, investem suas expectativas sobre um filho “perfeito/ideal”, que possa refletir sua imagem (Andrade, Baccele e Benincasa, 2017).

Sendo assim, torna-se natural que ao longo dos nove meses, invistam sobre o filho que virá todo desejo de se ver continuado neste. Em outras palavras, o bebê vindouro é até então no imaginário dos pais, um receptáculo de sua continuidade. Um modo de serem levados a diante socialmente (Andrade, Baccele e Benincasa, 2017).

Assim, vê-se que o casal deseja tornar-se pais de uma criança perfeita e saudável porque encontram no filho a possibilidade de concretizar seus sonhos e ideais. Contudo, quando ocorre alguma ruptura nesses planos todos os familiares são afetados, como é o caso de uma criança diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (Ebert et al., 2013). Desta forma, a presença de alguma limitação significativa em seu filho promove

uma cisão entre as expectativas paternas e o seu encontro com o real, já que a criança perfeita de sua fantasia que lhes proporcionaria alegrias, não nasceu (Jerusalinsky, 2007).

Desta feita, o transtorno do espectro autista (TEA), mais conhecido como autismo, é considerado uma síndrome neuropsiquiátrica que se caracteriza por manifestações comportamentais que comprometem as habilidades sociais e comunicativas, assim como padrões de comportamentos repetitivos, estereotipados e um repertório restrito de interesses e atividades (Associação Americana de Psiquiatria, 2014). Tais sintomas, podem variar de acordo com a idade cronológica, o nível de desenvolvimento e as condições do autismo que ocorrem com uma variação de níveis que se estende do leve ao severo. Em todos eles, o sujeito com autismo necessitará de apoio para se desenvolver, havendo modificações a partir das necessidades existentes.

Segundo Bosa e Semensato (2013) sabe-se que existem poucos recursos instrumentais para a realização do diagnóstico do indivíduo com suspeita de autismo e, mesmo com muitos estudos na área, não existe nenhum marcador biológico que possibilite um exame preciso para a confirmação ou não desse diagnóstico. O tratamento é realizado por uma equipe interdisciplinar formada por médicos, pedagogos, fisioterapeutas e psicólogos. Deste modo é interessante lembrar que embora ser diagnosticado não significa estar com sua trajetória prescrita, sabe-se que o fato de quanto mais cedo for diagnosticado, bem como o início antecipatório do tratamento podem contribuir para que a criança se desenvolva melhor (Mello, 2007).

É possível considerar que as características inerentes ao comportamento autista, somadas à gravidade desse transtorno, podem constituir estressores em potencial para os familiares (Schmidt & Bosa, 2007). Destarte, um filho nomeado como autista apresenta-se como um desafio para os pais. Trata-se de um evento que desencadeia alterações na vida familiar devido às necessidades de acompanhamento em seu desenvolvimento. O diagnóstico de uma doença crônica no âmbito familiar, especialmente tratando-se de crianças, constitui-se em uma situação de impacto que pode repercutir na mudança da rotina diária como na readaptação de papéis no âmbito ocupacional, financeiro e das relações familiares (Ebert et al., 2013).

Nesse sentido, os profissionais que estão envolvidos com famílias de pessoas com deficiência devem possuir conhecimento das dinâmicas pelas quais essas famílias passam. É um processo delicado que promove uma oportunidade única aos profissionais em estabelecerem uma aliança de confiança com eles para que assim possam elaborar o prognóstico de forma mais coerente e menos estressante possível (Bosa & Semensato, 2013).

De um modo geral, requer que os profissionais tragam uma linguagem adequada para oferecer aos pais informações claras, objetivas e atualizadas. O apoio psicológico aos pais e cuidadores, a promoção e o desenvolvimento de técnicas de abordagem e o esclarecimento sobre os limites da criança com o transtorno do espectro autista são necessários para se obter uma melhor instrumentalização do dia a dia e diminuição no nível de estresse. (Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo, 2013).

Frente ao exposto, este estudo tem como objetivo principal conhecer a atuação de psicólogos no que tange às relações familiares para com o diagnóstico de autismo de um ente familiar. Para tanto, buscou-se compreender as percepções e comportamentos da família em relação ao diagnóstico de autismo. Descrever propostas de atenção em saúde oferecidas para suporte aos familiares de pessoas com autismo, bem como identificar as intervenções que podem ser realizadas pelo psicólogo no enfrentamento dos familiares ao diagnóstico e suas intercorrências.

2 MÉTODO

Este estudo é fruto de uma revisão bibliográfica, uma vez que o propósito de tal método implica em buscar e analisar todo material publicado que está relacionado ao tema em questão, que no caso, diz respeito à prática de psicólogos junto a familiares com criança que recebeu diagnóstico de autismo (Lakatos & Marconi, 2010). Além disso, o objetivo deste tipo de pesquisa é apresentar ao pesquisador informações que possibilitem identificar os conhecimentos produzidos acerca do assunto estudado. Diante do material selecionado para desenvolver a base teórica do trabalho, o pesquisador pode construir novos conceitos e até mesmo entender quais estratégias metodológicas já foram traçadas no desenvolvimento de pesquisas com temas semelhantes.

Para tanto, foram percorridas as etapas recomendadas pela literatura para o desenvolvimento desta revisão: delimitação do tema; formulação da questão norteadora; estabelecimento dos critérios para a seleção das publicações; definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados e categorização dos mesmos; avaliação dos estudos incluídos na revisão; interpretação dos achados; e, por fim, divulgação do conhecimento sintetizado e avaliado (Mendes et al., 2008).

Na condução deste estudo nos valem da seguinte questão norteadora: Qual o papel do psicólogo junto aos familiares no momento e após estes descobrirem que seus filhos têm autismo?

Como critérios de inclusão, foram selecionadas publicações com temática de estudo sobre famílias de crianças diagnosticadas com autismo que abordassem o impacto

do diagnóstico nos pais e propostas de intervenção de psicólogos junto aos mesmos. O período escolhido para as publicações foi de 2000 a 2020. O período escolhido se justifica, pois na busca realizada, foram encontrados poucos estudos sobre o assunto; as publicações deveriam ser compostas de textos completos em língua portuguesa e inglesa. Além disso, que apresentassem contextualização referente ao assunto investigado.

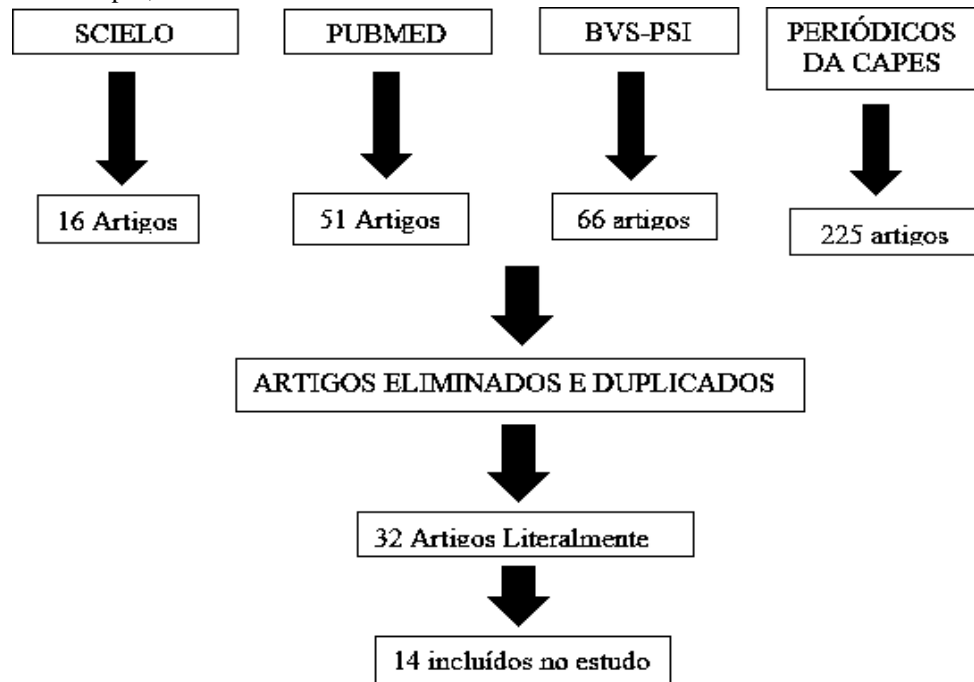
Para seleção dos dados foram consultados os seguintes bancos de dados: a Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) PSI, *Pubmed*, Periódicos da Capes e *Scientific Electronic Library Online* (Scielo). Os critérios de seleção utilizados foram: textos publicados entre os anos de 2000 até 2020 que abordassem temáticas inerentes a família e crianças autistas, assim como, contemplassem a atuação de psicólogos. Foram eliminadas as publicações que se repetiram nas bases de dados, sendo mantidos apenas um dos artigos que apresentavam repetições. As seguintes combinações de palavras foram utilizadas para a seleção dos artigos: “autismo, família e psicologia”; “psicodinâmica familiar e autismo”; “psicologia e familiares de autistas”.

Foi realizada seleção das publicações encontradas a fim de verificar quais trabalhos se enquadrariam na temática proposta. A leitura dos resumos foi realizada e obtidos 14 artigos que se enquadraram nos critérios de inclusão. Aqueles artigos que não se encontravam na íntegra e aqueles que não atenderam ao objetivo foram excluídos. Desta maneira, se formou a partir da análise dessas produções científicas o cenário da investigação sobre o fenômeno estudado.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na análise dos 14 artigos selecionados, constatou-se que estes estudos foram elaborados por pesquisadores de quatro áreas, sendo: nove artigos de psicologia; três artigos de enfermagem; um de pediatria; e um de psiquiatria. Quanto aos anos de publicação dos 14 artigos, esses se distribuem nos seguintes anos: um em 2019, um em 2018, dois em 2016, um em 2014, dois em 2013, um em 2012, um em 2011, um em 2010, um em 2009, dois em 2005 e um em 2001. As produções selecionadas são referidas pelos descritores, assim como pelas bases de dados nas quais foram encontradas, como pode-se observar na Figura 1.

Figura 1: Distribuição de referências bibliográficas obtidas nas bases de dados Scielo, Pubmed, BVS-Psi, Periódicos da Capes, de acordo com os descritores estabelecidos.



A partir da seleção mediada pelos objetivos da pesquisa, puderam ser extraídos elementos que contribuíram para a composição das categorias de análise, frente ao fenômeno da atuação de psicólogos, em meio à percepção de familiares sobre o diagnóstico de autismo de seus filhos. Compreendendo que as categorias encontradas puderam ser expressas, como: o impacto familiar do diagnóstico de autismo; estratégias de intervenção e enfrentamento para familiares; e propostas terapêuticas para os familiares.

4 O IMPACTO FAMILIAR DO DIAGNÓSTICO DE AUTISMO

Ao descobrirem o autismo do filho, muitas são as percepções e mudanças que ocorrem em todas as áreas da vida dos pais, que envolvem desde a vida social a questões financeiras que sobrecarregam a família. A responsabilidade de cuidados sobre a mãe pode sobrecarregá-la e afetar sua saúde física e emocional.

Pinto et al., (2016) relatam que o momento em que será revelado o diagnóstico do autismo, caracteriza-se como complexo, desafiador e delicado, tanto para a família quanto para os profissionais da saúde responsáveis pela notícia. Isso ocorre devido às barreiras estabelecidas pela falta de comunicação e apoio emocional adequado por parte desses profissionais. Bezerra et al., (2016) afirmam que muitas vezes há despreparo por parte dos profissionais responsáveis pela transmissão do diagnóstico do autismo, o que acaba gerando reações destrutivas nos pais.

Após o diagnóstico de TEA, os pais passam por muitas reações emocionais.

Fávero e Santos (2005) afirmam que a literatura reconhece a ocorrência de um impacto nos pais e mães quando são informados sobre o transtorno de autismo do filho. Goitein e Cia (2011) complementam que esses familiares podem ficar frustrados e se responsabilizarem pela condição da criança. Além disso, ainda podem se sentirem esgotados, desamparados, vulneráveis e inclusive, ter sentimentos de solidão (Fadda & Cury, 2019).

A este modo, os pais da criança são confrontados por essa nova situação que exige ajustes e mudanças familiares. Tais mudanças, exigem cuidado diferenciado, incluindo adaptações na criação. Essas peculiaridades, ainda levam à alteração da dinâmica familiar que exige cuidado prolongado e atento por parte dos pais e de todos os parentes que convivem com a criança (Gomes et al., 2014).

Pinto et al. (2016) explicam que a família passa a vivenciar uma fragilidade psíquica causada pelo medo da situação nova, diferente, inesperada e do preconceito por parte da sociedade. Segundo Ebert et al. (2013) em geral, a negação dos familiares de que a criança possua alguma patologia estaria relacionada ao medo do desconhecido, do isolamento social e da rejeição da sociedade, visto que, ainda hoje, o estigma e a segregação dados a uma criança com deficiência constituem efeitos desagradáveis, especialmente quando são vivenciados no âmbito familiar.

Salienta-se que o nível de estresse pode ser considerado mais elevado em famílias de crianças autistas em questões físicas e psicológicas. (Bezerra et al., 2016). Aliás, o estresse, a ansiedade e depressão são maiores em pais de crianças com Transtornos do Espectro Autístico quando comparados a pais de crianças com outros acometimentos, como a Síndrome de Down (Sprovieri & Assumpção, 2001). Fávero e Santos (2005) acrescentam que o estresse dos pais está ligado a fatores como o prejuízo cognitivo da criança, a gravidade dos sintomas e as tendências agressivas do filho.

Nobre e Souza (2018) afirmam que, em decorrência das especificidades do autismo, há grande demanda de cuidados para os pais e/ou cuidadores. Os cuidados de uma criança com deficiência exigem divisão de tarefas, porém é comum que a maioria dos cuidados recaia sobre a mãe. Isso pode ocorrer pela figura paterna ser ausente ou pelas responsabilidades ocupacionais de prover a família. O ato de cuidar também está ligado ao protagonismo materno (Pinto et al., 2016). Desta maneira, notam-se mais sentimentos de solidão e de isolamento em relação a figura materna (Fadda & Cury, 2019).

Nobre e Souza (2018) ressaltam que as altas demandas de cuidados sobrecarregam a mãe, acarretando um alto nível de estresse que pode prejudicar a saúde em geral. A

sobrecarga materna no processo do cuidar está muito interligada ao próprio constructo histórico cultural perpetuado pela sociedade de que pertence à mãe a responsabilidade por cuidar dos filhos (Pinto et al., 2016). Os autores ressaltam que a dedicação integral e a centralização dos cuidados que são assumidos pela mãe podem envolver abdicação da carreira profissional, a divisão da atenção com outros filhos, marido e tarefas domésticas, gerando importantes repercussões físicas e psicológicas.

Uma compreensão das interações da família com a criança autista permite ao profissional perceber que os cuidadores familiares também precisam de cuidados, de orientações e de estratégias para alívio do estresse. É deste modo que poderão desenvolver intervenções para que estes tenham melhores condições de vida e, conseqüentemente, propiciem um cuidado com mais qualidade ao familiar doente (Manoel et al., 2013).

Em virtude da descoberta do diagnóstico de autismo são evidenciados alguns impactos nos familiares, como estresse em função do novo horizonte que terão de enfrentar, das descobertas e adequações para a inserção do membro familiar na sociedade. Além disso, também se considera como essa realidade apresenta-se na sobrecarga materna, em que a mulher se dedica ao cuidado de seu filho e deixa de lado as suas outras atividades. Essas mudanças vividas por familiares, dentre outras, ainda podem estar relacionadas ao modo como esse diagnóstico é informado, como esta família é abordada e acolhida em relação a essa nova demanda.

5 ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO E ENFRENTAMENTO PARA FAMILIARES

A criação e o desenvolvimento de estratégias de intervenção e enfrentamento podem ser fundamentais aos pais e/ou cuidadores da criança com TEA para que sejam capazes de encarar o diagnóstico e as alterações emocionais e sociais, terem redução de sua sobrecarga emocional e uma melhora na interação entre pais e filhos.

Da mesma maneira, Andrade e Teodoro (2012) em uma revisão de literatura ressaltaram a importância dos pais utilizarem diferentes formas de recursos de enfrentamento, em que foram destacadas a execução de reestruturação e desenvolvimento de crenças, possuir uma experiência espiritual e uma rede de suporte. Nesse aspecto, as crenças dos pais podem funcionar como um aspecto de proteção, mas também de vulnerabilidade ao se apresentarem como uma tentativa de lidar com o diagnóstico de autismo (Semensato & Bosa, 2010).

Goitein e Cia (2011) afirmam que diversos autores sugerem como suporte social aos pais, grupos de intervenção que são formados por famílias que experimentem

limitações semelhantes. Porém, diante da transmissão de um diagnóstico tardio ou errôneo, a família pode demorar em adaptar-se ou mesmo buscar tratamento como grupos de apoio e programas de intervenção. De acordo com os autores, as iniciativas para a criação de grupos de apoio em sua grande parte são de Organizações Não Governamentais (ONGs), instituições filantrópicas ou mesmo a comunidade que buscam auxiliar essa população.

Além disso, entre os serviços de enfrentamento de suporte formal há serviços de saúde e profissionais de aconselhamento (Andrade & Teodoro, 2012). Esses serviços visam prover informações e ferramentas para que os pais e/ou cuidadores aprendam a lidar com a criança e tenham uma melhor qualidade de vida. Para os autores, profissionais que oferecem serviços de aconselhamento necessitam estar atualizados e capacitados para prestarem suporte à família e explicarem os diferentes desafios que podem acontecer em cada período de transição da criança.

Com uma outra proposta, existem programas de formação e educação para os pais, os quais têm grande enfoque educativo (Andrade & Teodoro, 2012). Esses programas têm demonstrado resultados positivos na relação dos pais com os seus filhos, na medida em que podem contribuir para os sentimentos de apoio, controle e até mesmo redução de ansiedade. Aliás, essas propostas auxiliam na promoção de mudanças significativas para os pais e no desenvolvimento de crianças autistas.

Nesse sentido, podem-se identificar propostas de enfrentamento desta nova dinâmica familiar, como uma forma de auxiliar os pais a encararem sob uma nova ótica sua nova realidade e como essas podem ajudá-los no manejo de seus conflitos e nas interações com o seu filho. Assim, tais estratégias de intervenção podem viabilizar uma mudança de concepção, quando também aliadas pela atenção de múltiplos profissionais, como psicólogos e educadores, tal como se fez alusão (Goitein & Cia, 2011). Nesse aspecto, a reunião de coletivos de familiares de pessoas com autismo, bem como, articulados com intervenções mediadas por profissionais balizados por uma ótica científica, se apresentam como espaços de compartilhamento e de reorganização do vivido, na medida que produzem novos modos de lidar com a conflitiva destes familiares.

6 PROPOSTAS TERAPÊUTICAS PARA OS FAMILIARES

Para ir de encontro às demandas dos familiares serão apresentadas algumas propostas terapêuticas que foram abordadas pela literatura científica e que podem ser utilizadas pelos psicólogos para tratamento e intervenção com os pais e/ou cuidadores de crianças autistas.

No estudo de Fávero-Nunes e Gomes (2009) foi escolhida a técnica psicanalítica por se pautar na oferta de um tipo de escuta que pode ser aplicada à demanda dos pais, permitindo que estes tenham um espaço para lidar com os sentimentos e fantasias relacionadas à condição especial do filho. Os autores escolheram a consulta terapêutica desenvolvida por Winnicott, considerando que em uma pesquisa informal realizada em uma instituição de atendimento especializado em TEA, no interior de São Paulo, buscou-se investigar a respeito de intervenções familiares. Apesar da oferta de apoio psicológico, houve pouca aderência por parte dos pais, uma vez que estes preocupam-se em conseguir atendimento para seus filhos.

Deste modo, a técnica de Winnicott pode ser realizada em forma de entrevista e atendimento. Esse novo método segue o enquadramento psicanalítico tradicional, que permite ser aplicada a curto prazo, em geral, em uma única sessão ou algumas mais (Fávero-Nunes & Gomes, 2009). De acordo com os autores, Winnicott indicava a realização de ao menos três sessões para possibilitar maior flexibilidade de atuação e adequação às possibilidades de atendimento aos pais das crianças com transtorno autístico.

Fávero-Nunes e Gomes (2009) ressaltam que muitos trabalhos já foram conduzidos com essa técnica e que para a realização desse estudo foi usado como espaço de investigação e oferecimento de *holding* aos casais que participaram do estudo. Os resultados obtidos em relação à escolha da “consulta terapêutica” permitiram aos pais experienciarem a proposta em seus próprios ritmos, sem enquadramento rígido que poderia ser proposto pela terapeuta ou instituição.

Fávero e Santos (2005) realizaram uma pesquisa bibliográfica, na qual as abordagens psicodinâmicas e o enfoque sistêmico foram os suportes de intervenção mais utilizados com crianças e suas famílias, em especial as mães.

Preconiza-se que a relação terapêutica possa implicar em uma reconstrução das relações significativas com os outros através do contato com o terapeuta. Do ponto de vista psicodinâmico, através de sua escuta atenta o terapeuta pode entrar em contato com a história desses pais, com seus ideais, suas frustrações e idealizações. Então, abre-se um espaço para lidar com as crenças relacionadas à condição especial do filho (Fávero & Santos, 2005, p. 366).

Assim, o modo como ocorre a relação entre o terapeuta e o cuidador pode auxiliar em mudanças significativas no comportamento e sistema de crenças do pai ou da mãe relacionados ao filho com TEA.

Fávero-Nunes e Gomes (2009) afirmam que, mediante as situações vivenciadas pelos cuidadores de crianças com o transtorno autístico, foi constatada a necessidade de

suporte psicológico. No entanto, salientam que é desafiadora a elaboração de uma proposta de intervenção adequada para esta população. Desafio que ao mesmo tempo, ressalta essa necessidade de serem propostas intervenções focadas no atendimento aos pais para auxiliarem estes no manejo de suas relações com seus filhos diagnosticados com autismo, assim como, o seu próprio eu enquanto pai e mãe, tendo em vista a própria saúde destes familiares (Andrade & Teodoro, 2012; Bezerra et al., 2016).

Desta feita, o psicólogo ainda percebe alguns desafios na atuação em relação ao autismo, no que concerne a olhar para além dos indivíduos autistas, mas também para os seus familiares, para que esses possam serem ouvidos em suas experiências e ser trabalhada a sua qualidade de vida. Dificuldade essa, relacionada aos pais privilegiarem muitas vezes o cuidado de seu filho em detrimento de atenção à sua própria saúde mental (Fávero-Nunes & Gomes, 2009). Nesse sentido, as propostas de atendimento tendem a serem ofertadas após o período diagnóstico, no manejo da relação dos pais para com os filhos e na percepção deste filho. Ou seja, o atendimento psicológico se apresenta como suporte ao vivido, e demonstrou ser muito orientado por uma perspectiva psicanalítica no manejo do cuidado dos pais para com os seus filhos. Todavia, houve pouco enfoque em elementos que contemplem a qualidade de vida e saúde mental dos genitores.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no percurso realizado por esta pesquisa, pode-se considerar que os objetivos do trabalho foram parcialmente alcançados, uma vez que não se esperava que uma temática tão importante quanto à desenvolvida neste trabalho possuísse grande escassez de publicações, no que tange a atenção psicológica destinada aos familiares. Todavia, lançou-se um pouco de luz sobre a problemática da atenção psicológica aos familiares de pessoas autistas. E assim, a família foi observada na revelação do diagnóstico e foram tecidas algumas possibilidades de atuação do psicólogo para com as relações familiares.

Vale apontar que o momento da revelação do diagnóstico aos pais é delicado, inclusive por não implicar apenas em passar uma informação, mas de trazer uma série de implicações, como impactos para os genitores. Para tanto, deve ser conduzido de forma adequada e empática pelos profissionais, pois são muitos os sentimentos gerados na expectativa do diagnóstico. Tais cuidados devem ser tomados, pois dado o diagnóstico e sendo este compreendido, uma nova realidade na dinâmica familiar será formada, podendo gerar sobrecarga emocional e estresse aos pais e/ou cuidadores da criança. Assim, o oferecimento do acolhimento aos familiares, ajudará a lidar com a

desidealização da fantasia do filho perfeito e contribuirá para a reintegração e reconhecimento deste filho no seio familiar.

Nesse aspecto, os profissionais envolvidos com famílias de pessoas com deficiência, como os psicólogos, devem possuir conhecimento das dinâmicas pelas quais estas famílias passam. Esta instrumentalização emocional e racional permite que eles prestem atendimentos e forneçam suporte aos pais quanto ao acesso a informações e na tarefa de reorganização emocional e das rotinas domésticas. Assim, os psicólogos e demais profissionais podem proporcionar o esclarecimento de dúvidas capazes de auxiliar os pais em decisões primordiais para o bom desenvolvimento de seu filho.

Em suma, nota-se uma maior produção sobre a temática a partir do ano de 2010, no entanto ainda são poucas pesquisas se comparadas a importância de tais reflexões para as famílias, os pacientes e para as instituições de apoio a este público. Sendo assim novos estudos sobre a atuação do psicólogo a respeito de atendimento aos familiares devem ser realizados, pois a quantidade de trabalhos publicados não corresponde à demanda esperada, considerando-se que o trabalho do psicólogo com os pais e as crianças diagnosticadas com TEA é fundamental para a família e o desenvolvimento integral da criança. Destarte, os limites desta pesquisa se encontram na pequena quantidade de pesquisas desenvolvidas sobre o tema, assim como, sinaliza a possibilidade de estudos de campo que explorem mais detalhadamente as possibilidades de intervenção de psicólogos com familiares de pessoas com transtorno do espectro autístico.

REFERÊNCIAS

- Andrade, Cristiano de Jesus, Baccelli, Marcela Silva, & Benincasa, Miria. (2017). O vínculo mãe-bebê no período de puerpério: uma análise winnicottiana. *Vínculo*, 14(1), 1-13.
- Andrade, A.A. & Teodoro, M.L.M. (2012). Família e autismo: uma revisão da literatura. *Contextos Clínicos*, 5(2), 133-142. <https://doi.org/10.4013/ctc.2012.52.07>
- Associação Americana de Psiquiatria. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM V)*. Artes Médicas.
- Bezerra, H.C.G. et.al. (2016). O sofrimento das famílias frente o diagnóstico de autismo: uma revisão sistemática da literatura. Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). *II Congresso Internacional de Educação Inclusiva*. <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/23151>
- Bosa, C. A. & Semensato, M. R. (2013). A família de crianças com autismo: contribuições clínicas e empíricas. In: Schmidt; Carlo (org). *Autismo, educação e transdisciplinaridade*. 2. ed. Papyrus, p.2-50.

Ebert, M., Lorenzini, E., & Silva, E. F. (2013). Trajetórias percorridas por mães de crianças com transtorno autístico. *Biblioteca Lascasas*, 9(3),1-21.

Fadda, G. M., & Cury, V. E. (2019). A Experiência de Mães e Pais no Relacionamento com o Filho Diagnosticado com Autismo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35(spe), 01-09. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35nspe2>

Fávero, M.A.B. & Santos, M.A. (2005). Autismo infantil e estresse familiar: uma revisão sistemática da literatura. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(3), 358-369. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722005000300010>

Fávero-Nunes, M. A. & Gomes, I. C. (2009). Transtorno autístico e a consulta terapêutica dos pais. *Psico*, PUCRS, 40(3), 346-353. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/4779>

Fávero-Nunes, M.A. & Santos, M.A. Itinerário terapêutico percorrido por mães de crianças com transtorno autístico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(2), 208-221. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722010000200003>

Goitein, P.C. & Cia, F. (2011). Interações familiares de crianças com necessidades educacionais especiais: revisão da literatura nacional. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, SP. 15(1), 43-51. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572011000100005>

Gomes, P.T. et. al. (2014). Autism in Brazil: a systematic review of family challenges and coping strategies. *Jornal Pediatria (Rio J)*; 91, 111-121. <https://doi.org/10.1016/j.jped.2014.08.009>

Jerusalinsky, A. (2007). *Psicanálise e desenvolvimento infantil*. 4ª ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios.

Lakatos, E. M. & Marconi, M.A. *Fundamentos de metodologia científica*. 7. ed. Atlas, 2010.

Manoel, M. F. et al. (2013). As relações familiares e o nível de sobrecarga do cuidador familiar. *Escola Anna Nery*, 17(2), 346-353. <https://doi.org/10.1590/S1414-81452013000200020>

Mello, A. M. S. R. (2007). *Autismo: guia prático*. 5 ed. AMA; CORDE.

Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. C. P., & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 17(4), 758-764. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>

Nobre, D.S. & Souza, A.M. (2018). Vivências de pais e/ou cuidadores de crianças com autismo em um serviço de plantão psicológico. *Revista Baiana Enfermagem*; 32, 01-09. <http://dx.doi.org/10.18471/rbe.v32.22706>

Pinto, R.N.M. et. al. (2016). Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. *Revista Gaúcha Enfermagem*, 37(3), 01-09. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2016.03.61572>

Raines, D. A. (1999). Suspended mothering: women's experiences mothering an infant with a genetic anomaly identified at birth. *Neonatal Netw*, 18(5), 35-49. <https://doi.org/10.1891/0730-0832.18.5.35>

Schmidt, C. & Bosa, C. (2007). Estresse e auto-eficácia em mães de pessoas com autismo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 59(2), 179-191. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672007000200008

Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo. (2013). *Protocolo do Estado de São Paulo de Diagnóstico, Tratamento e Encaminhamento de Pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA)*, 1 ed. http://www.saude.sp.gov.br/resources/ses/perfil/profissional-da-saude/homepage//protocolo_tea_sp_2014.pdf

Semensato, M.R. & Bosa, C.A. (2010). Crenças indicativas de resiliência parental no contexto do autismo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33, 1-10. <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e33416>

Sprovieri, M. H. S., & Assumpção Jr, F. B. (2001). Dinâmica familiar de crianças autistas. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 59(2A), 230-237. <http://dx.doi.org/10.1590/S0004-282X2001000200016>